

Antissemitismo é o tema do cult 'O Processo Goldman'

PÁGINA 3



Atriz Jandira Martini morre aos 78 anos

PÁGINA 7



Caio Prado antecipa novo álbum com single 'Caio em Ti'

PÁGINA 6



2º CADERNO



PRAIA FORMOSA



A PAIXÃO SEGUNDO G.H.



FIREBRAND

Fotos/Divulgação/IFFR

O bonde do tigre



RETRATO DE UM CERTO ORIENTE



Simbolizado pelo felino, o Festival de Roterdã, na Holanda, consagra uma série de sucessos estrangeiros de verve autoral, ao mesmo tempo que celebra a força do cinema brasileiro



GREICE

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Criado em 1972 pelo curador Hubert Bals (1937-1988), o Festival de Roterdã, na Holanda, tem o papel de abrir as alas autorais do circuito de grandes festivais autorais do planeta que apostam na descoberta de títulos inéditos.

O festival da cidade portuária integra um grupo seletivo, ao lado da Berlinale (que começa sua edição de número 74 no próximo dia 15) e dos festivais de Cannes, de Locarno, de Veneza, de Toronto e de San Sebastián, nas Espanhas – tendo eventos americanos como Sundance, SXSW, Telluride e Tri-

beca correndo por fora.

Sua 53ª edição, que segue até o dia 4, joga seus holofotes sobre Brasil. São nove títulos brasileiros entre os selecionados, que estão distribuídos em diferentes seções. Na Competição Tigre de Ouro entrou "Praia Formosa", de Julia De Simone. Na Competição Big Screen, Marcelo Gomes (diretor premiado por "Cinema, Aspirinas e Urubus") envereda pelo univer-

so literário do escritor amazonense Milton Hatoum com "Retrato de um Certo Oriente". Na Mostra Harbour, entraram "A Paixão Segundo G.H.", epifania de Luiz Fernando Carvalho; "Greice", de Leonardo Mouramateus; e "Levante", que rendeu à diretora Lillah Halla o Prêmio da Crítica de Cannes. Na seara do curta-metragem, entramos na Tiger Short Competition, com "Potenciais à Deriva", de Leonardo Pironi, e na Short & Mid-length, com "O Silêncio Elementar", de Mariana de Melo; "Se Eu Tô Aqui é Por Mistério", de Clarissa Ribeiro; e "Um Tropeço em Cinco Movimentos", de Valentina Rosset. Por fim, na sessão Limelight, o cearense Karim Ainouz exibe seu primeiro longa com astros de Hollywood: "Firebrand", indicado à Palma de Ouro de Cannes.

Continua na página seguinte



STEPHENWOLF



THE BALLAD OF SUZANNE CÉSAIRE

Conheça a seguir os títulos estrangeiros que já se destacaram entre as sessões já realizadas na maratona cinéfila holandesa:

STEPHENWOLF, de Adilkhan Yerzhanov: Um thriller de ação padrão “John Wick”, com CEP no Cazaquistão, ressalta a evolução do diretor de “A Doce Indiferença do Mundo” (2018), num desafio às leis da gravidade. Carregado de elementos da obra-prima “Rastros de ódio” (1956), o longa assume como seu John Wayne um criminoso que se faz passar por policial (papel do genial Berik Aitghanov) que, em meio a uma guerra civil, ajuda uma mulher incapaz de falar (Anna Starchenko) a encontrar seu filho. A angústia dela é salvar o menino de traficantes de órgãos. Já ele só quer se aproveitar da situação para lucrar. Pelo menos até a consciência social derrubá-lo, numa rasteira ética. As sequências de tiroteio e de luta são de mesmerizar olhos.

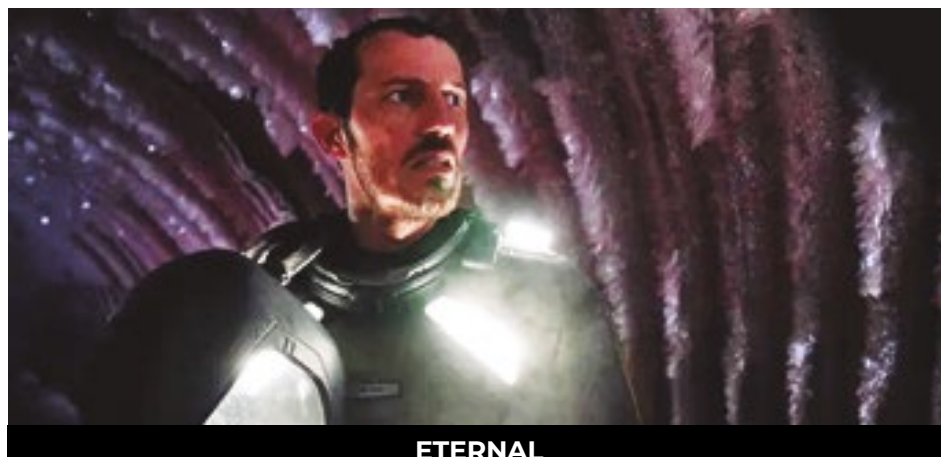
THE BALLAD OF SUZANNE CÉSAIRE, de Madeleine Hunt-Ehrlich: Embalado numa trilha sonora de Sabine McCalla, esta produção americana faz de sua realizadora, uma estreadora, uma baita promessa, por sua destreza em saltar no tempo, mesclando metalinguagem, memória e poesia surrealista. Zita Hanrot tem um desempenho primoroso no papel de uma estrela que decide enveredar pelo passado de uma escritora cheia de controvérsias. Viagens metafísicas aos anos 1940 injetam lirismo neste drama carregado de viço.

BANEL E ADAMA: AMOR OU TRADIÇÃO (“Banel et Adama”): de Ramata-Toulaye Sy (Senegal): Existe uma notável ousadia nessa love story que vem da África, terra dos an-

Destques internacionais nas telonas holandesas



BANEL & ADAMA



ETERNAL

cestrais de sua diretora, e ela vem de seu flerte com o realismo mágico. Há até uma revoada de aves que inundam o céu com o aviso funesto de uma tragédia. Khady Mane é Banel, jovem que se casa com Adama (Mamadou Diallo) em entender os interditos culturais de seu povo ligados ao benquerer. Com a percepção de que seu romance incomoda, ela gravita por veredas do risco.

ETERNAL, de Ulaa Salim: Um poético exercício escandinavo pelas veredas da ficção científica. Na trama, um terremoto gera uma fissura oceânica que afeta o balanço climático da Terra. Em meio a um colapso anunciado, um cientista e uma cantora vão se apaixonar. Mas o senso de dever do pesquisador ameaça a relação que ele ensaia construir.

TRILOGIA “DIABOLIK CHI SEI?”, “DIABOLIK - GINKO ALL’ATTACCO!” E “O GRANDE DIABOLIK”: Ao propor uma retrospectiva dos irmãos Marco e Antonio Manetti, expoentes do cinema pop da Itália, Roterdã concentrou-se na relação dos dois com as HQs, valorizando o anti-herói criado em 1962 pelas irmãs Giussani, Angela (1922 – 1987) e Luciana (1928 – 2001), ambas de Milão. Os três filmes narram as aventuras do assassino e ladrão mascarado que usa as mais criativas técnicas para roubar dos ricos (em especial, criminosos) e dar a... seus bolsos. Mais popular do que o Homem-Aranha nos quiosques da Europa, onde é best-seller já vendeu em torno de 150 milhões de cópias pelo mundo. Dois atores se revezam sob a máscara do personagem: Luca Marinelli (de “Martin Eden”) e Giacomo Gianniotti (o Dr. Andrew DeLuca de “Grey’s Anatomy”).

Eletrizante thriller jurídico dirigido pelo ator e cineasta Cédric Kahn, ‘O Processo Goldman’ é candidato a cult na Europa em meio a polêmicas inerentes ao conflito Israel x Palestina

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o Correio da Manhã

Saldos de barbárie inerentes à guerra Palestina x Israel agravam uma intolerância histórica de ambos os lados da geopolítica internacional, o que amplia a visibilidade de longas-metragens sintonizados com o antissemitismo, como foi o caso do recente “Golda”, com Helen Mirren, e de um thriller de tribunal eletrizante ainda inédito por aqui: “O Processo Goldman”.

Primeiro achado do Festival de Cannes de 2023, revelado na mostra paralela chamada Quinzena de Cineastas, a produção é capaz de arregalar o mais cético dos olhares com a retidão de sua narrativa e a pujança de sua luta antirracista. Na Europa, em circuito comercial, sua carreira tem sido de sucesso, de público e crítica.

O racismo em questão em “Le Procès Goldman” se refere ao antissemitismo: a violenta rejeição a populações judaicas. Cédric Kahn, que assina a direção, tem vasta estrada na direção, com 14 títulos lançados de 1990 até hoje, com destaque para “A Prece”, que concorreu ao

Radiografia do antissemitismo

Divulgação



Arieh Worthalter vive Pierre Goldman, alvo da repressão antisemita da polícia francesa

Urso de Ouro de 2018. Porém, ele tende a ser mais lembrado como galã maduro. Aos 56 anos, é uma espécie de “bonitão de plantão, já maduro” no cinema francófono, com uma atuação desconcertante em “A Economia do Amor” (2016) e uma forte participação em “Guerra Fria” (2018). Mas, sem negar seu lugar de ator, Cédric parece buscar, a cada ano, mais reconhecimento para seu trabalho como realizador. O convite para que abra a Quinzena com um estudo sobre a intolerância a judeus soou um tanto inusitado. Isso até o filme

devastador que ele fez batesse na telona de Cannes.

“Diante de um jogo retórico, quem tem que dominar a cena é a palavra”, disse Kahn ao fim da exibição de “Le Procès Goldman” na Croisette, sendo procurado por uma horda de potenciais compradores (leia-se distribuidores, exibidores) para sua potente autópsia em corpo vivo da bestialidade estatal da França dos anos 1970.

Aprendiz de montador na equipe de montagem de “Sob o Sol de Satã” (a Palma de Ouro de 1987), Kahn deu a Cannes

algo que parece um filme do Costa-Gavras (aquele Costa-Gavras de antigamente, nível “Z” ou “Estado de Sítio”), mas feito hoje, com foco na prática da segregação étnica e cultural. Sua direção nervosa faz da narrativa uma panela de pressão a ferver. Tudo parte de um caso real: o julgamento de Pierre Goldman (1944-1979), autor do livro “Souvenirs obscurs d’un Juif polonais né en France”. Embora tivesse cometido furtos e roubos, Goldman sempre negou ter sido o responsável pelo assassinato de duas pessoas du-

rante um assalto a uma farmácia. A ausência de argumentos concretos sobre sua culpa faz crer em sua inocência. Só que uma ala racista da polícia francesa não pensa assim. Em seu filme, somos levados ao ano de 1976 e nos sentamos qual espectadores na corte que julga o processo jurídico dele. Um processo que se descortina diante de nós numa *secura*. O desempenho de Arieh Worthalter no papel principal, em estouros de raiva, humaniza o longa. É o trabalho mais maduro de Kahn como cineasta.

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Antonio Pitanga no set de filmagens de 'Malês'

Festival em Paris homenageia trajetória de Antonio Pitanga

O 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris, que neste ano será realizado entre 26 de março e 2 de abril, terá Antonio Pitanga como o grande homenageado. O ator, que volta à direção de cinema com o longa "Malês" depois de um intervalo de 45 anos do seu primeiro filme ("Na Boca do Mundo", de 1978), receberá sua primeira

homenagem no exterior no evento, principal mostra de cinema brasileiro da Europa. Aos 84 anos e com mais de 70 filmes em seu vasto currículo, Pitanga vai rever o longa estrelado por ele e por Norma Bengell no tradicional L'Arlequin, cinema de rua modernista no bairro de Saint-Germain-des-Près, sede do festival.

Estreia

A série inédita "Suíte Magnólia", criada e dirigida por Hamilton Vaz Pereira e produzida por Augusto Casé, estreia 6 de fevereiro no Canal Brasil. A direção é de Marcelo Travesso e de Hamilton, que celebra 50 anos de carreira em 2024.

Liz Taylor em foco

A socialite e empresária Kim Kardashian vai produzir e participar de uma série documental sobre a atriz americana Elizabeth Taylor. Com o título "Elizabeth Taylor: Rebel Superstar" (a estrela rebelde), o projeto será exibido pela BBC.

Aberto a propostas

Radicado em São Paulo desde o fim de seu contrato com a Globo, Nizo Neto está tentando, sem sucesso, trabalhar como mestre de cerimônias em eventos corporativos. O filho de Chico Anysio chegou usar as redes sociais para tentar novas oportunidades.

Começou em alta

A Globo comemora a audiência do remake de "Renascer", novela estreada semana passada com a missão de elevar os índices do horário nobre. A trama teve resultados melhores em seus primeiros seis capítulos em relação a "Pantanal" (2022).

Aprendendo (desde cedo) a botar o bloco na rua

CCBB Educativo promove ação educativa gratuita para crianças com oficinas de percussão e de percepção musical



Divulgação

Carol, Yuri e Zeza formam o coletivo Cortejinho

Quem quiser fazer um aprendizado intensivo para botar o bloco na rua ainda neste carnaval de 2024 pode aproveitar a atividade "Cortejinho Por Um Dia", organizada pelo CCBB Educativo – Lugares de Culturas. No próximo sábado (3), a partir das 15h, os interessados, dos 6 aos 12 anos de idade, poderão participar de oficinas de percussão e de percepção musical, além de conhecerem a história dos ritmos afro indígenas brasileiros e informações sobre como criar um bloco. Tudo em meio a muita brincadeira.

A atividade gratuita será realizada no Centro Cultural Banco do Brasil Rio de Janeiro (Rua Primeiro de Março, 66).

À frente da atividade estará o grupo Cortejinho, formado por três experientes músicos do carnaval de rua carioca: Carol Passarinha, Yuri Mello e Zeza Barral.

Foliã e mil habilidades, Carol participa da banda Fanfarrinha, da Orquestra Circônica e dos blocos Mini Seres do Mar e Bésame Mucho, atua como como surdista, perna-de-pau e/ou brincante.

Múltiplo também é Yuri. Músico e pedagogo, é regente e compõe o naipe de ritmistas do Bloco Bésame Mucho, além de tocar caixa na banda Os Biquínis de Ogodô Convidam as Sungas de Odara. É ainda guitarrista e vocalista da banda Reggae a Semente e do bloco Comboio Percussivo, ambos de Brasília.

Colega de Yuri em alguns projetos, Zeza é ritmista e performer dos blocos Bésame Mucho e Os Biquínis de Ogodô Convidam as Sungas de Odara.

SERVIÇO

CORTEJINHO POR UM DIA*

Centro Cultural Banco do Brasil - CCBB Rio (Rua Primeiro de Março, 66 - Centro)

3/2, a partir das 15h

Entrada franca

*Atividade voltada a crianças de 6 a 12 anos

Por Affonso Nunes

O carioca Deco Fiori tem grandes credenciais musicais. É um destacado preparador vocal de programas de TV, musicais para teatro e estúdios de gravação e dublagem. Cantor de belo timbre pode ser visto com frequência nos palcos com o espetáculo “Para Lennon & McCartney - Os Beatles e o Clube da Esquina” interpretando canções de duas de suas maiores influências. Mas estava devendo ao público um álbum autoral que mostrasse seu lado cantautor.

Estava, mas não está mais. Deco acaba de lançar, em mais uma cuidadoso, título do selo Clube Novo o álbum “Luz da Criação”. Nessas dez faixas totalmente autorais, o artista apresenta melodias instigantes, harmonias elaboradas e um fino senso estético herdado de suas assumidas influências musicais sem, no entanto, mostrar um trabalho datado.

Milton Nascimento já nos ensinou que sonhos não envelhecem. Aliás, brotam das linhas que pintam e bordam na imaginação de Deco Fiori, entrelaçados pela pintura do artista plástico Paulo Symões. Em plena pandemia, suas tintas serviram de farol não somente para a faixa-título, mas para a própria concepção do álbum. “Esta música foi a mola propulsora do trabalho. A partir dela comecei a compor e a elaborar o conceito do disco. Em meio às incertezas, a arte foi a minha maneira de atravessar a escuridão”, destaca o cantor.

O mestre e amigo Toninho Horta comparece com sua centelha seminal. Gravou o violão e co-assina o arranjo da faixa-título com o diretor musical Marcílio Figueiró, um discípulo do guitarrista mineiro.

“Novos Ventos” é outra a trazer o violão de Toninho Horta, apoiado pelo sax tenor de Nivaldo Ornelas. Para que “todos os temporais / deixem almas lavadas”, há ecos de Minas, Abbey Road e Motown: “é uma canção mais pop, com influência de Stevie Wonder e Beatles”, sopra Fiori. Integrante do espetáculo



Deco lança ‘Luz da Criação’, com participações de Toninho Horta e Nivaldo Ornelas

Um álbum iluminado

Após longa trajetória em grupos vocais, Deco Fiori se apresenta como cantautor com o emocionado ‘Luz da Criação’

Para Lennon & McCartney, que une temas dos Beatles aos do Clube da Esquina, o artista transita com destreza pela longa e sempre ventilhada estrada das canções.

“Um grão de areia ao vento pertence tanto ao mar quanto ao deserto”, canta Deco em “O Mar e o Deserto”, sob o órgão de João Braga. Os vocais na abertura da faixa, todos interpretados por Deco, são um oásis artesanal sem qualquer efeito de estúdio para modular a voz. “Essa é uma das poucas músicas do álbum que fiz no século passado, mais precisamente em 1996”, revela o compositor. “Gravei as vozes em diferentes canais, o que dá um sentido de amplidão de que gosto muito. Sempre cantei em grupos vocais e quis colocar esta influência no álbum”, explica o ex-integrante



Divulgação

de Vox 4 e BR6, grupos vocais de prestígio nas década de 90 e 00.

“Um Jardim e um Sonho” semeia esperanças em clima de balada romântica, a partir das árvores genealógicas de nomes como Lô Borges, Paul McCartney e Guilherme Arantes. Entre “Luz e sombra / brisa e calor”, é o próprio Deco Fiori quem toca piano no arranjo cultivado a quatro mãos com Paulo Emmerly.

No compasso das craviolas de nylon e 12 cordas de Eduardo Braga (“a mão direita mais poderosa que conheço”, emenda o cantor), pontuadas pela gaita de Guta Menezes, “Só de Amor” surfa em pop elegante. Pelos contornos da onda soul de Stevie Wonder e Al Jarreau, a canção - gravada anteriormente pelo Vox 4 - desbrava o oceano das paixões, “nadando sempre contra a corrente / mas nunca contra o mar”.

Com letra em inglês, “Broken Heart” junta os pedaços do amor desfeito e ameniza os males de corações partidos pela vibração do blues e do jazz. Também lançada pelo Vox 4, adquire pulsação orgânica na recriação solo de Deco: “a base de piano, baixo acústico e bateria foi toda gravada em conjunto. Marcílio Figueiró colocou a guitarra e eu gravei os vocais. É a

sexta música do álbum digital, eu a vejo como a primeira do lado B em um disco de vinil”.

A canção folk “Todo Amor é Bom” escala as montanhas de Minas impulsionada pelo trompete de Guta Menezes, em contraponto às vozes sobrepostas do cantor: “pensamos num efeito de sopro que remetesse à trompa de ‘For no one’, dos Beatles. É a canção mais recente que fiz para o álbum, o arranjo abre espaço para o diálogo entre vocal e sopro”.

As águas fluem volumosas entre “O Rio e o Tempo”, onde “a poeira vai baixando / e o rio nunca vai secar / ele é como o tempo que nunca para de correr”. Inspirada no som pantaneiro de Almir Satter, e escaldada na sanfona de Marcelo Caldi e na flauta de PC Castilho, angaria simbolismos diversos para o artista: “fiz esta canção em 2016, motivado pela perda de um amigo, depois de anos sem compor. Ela veio inteira, de modo instantâneo. Representa uma retomada importante no meu processo autoral, na própria vida pessoal”.

“Como Ser Feliz na Solidão?” surge como um canto vigoroso onde “nem tudo é só carnaval / ou só indignação”. Deco Fiori destrincha: “é o rock’n’roll do disco, mas um rock acústico, onde toco mandolim e violão de 12 cordas, com teclado do meu irmão João Braga, baixo e guitarra do meu genro Hugo Belfort. Tem uma sonoridade de cordas diferente, gosto de pensar nela como um encontro entre Lulu Santos e George Harrison”.

No ato final de “Lamento”, Deco canta em dueto com a filha Sofia Jordão Caeiro, também autora da capa do álbum. Entre o ocean drum de Naife Simões, o violoncelo de Mateus Ceccato e os violões de Marcílio Figueiró, o artista sabe que viver é melhor que sonhar - “relento não fosse sonho / sonho que sopra no vento”.

“Luz da Criação” foi concebido e executado com zelo e artesanaria. É uma tela em branco de rica moldura que se preenche de luz e som, trazendo a luz um artista apaixonado por seu ofício.

Caindo e se derramando sobre os outros

Single 'Caio em Ti' antecipa álbum de Caio Prado, que busca ser mais popular e alcançar o grande público

Um dos mais destacados cantores e compositores da novíssima MPB, Caio Prado está prestes a lançar seu terceiro álbum e, aos poucos, vem revelando as novas músicas deste trabalho em que aposta na versatilidade de seu canto e expressividade. O mais novo single dessa safra é "Caio em Ti", composta em parceria com Umberto Tavares e Jefferson Junior, que dá nome ao novo disco.

"Essa música dá nome ao álbum justamente pela atmosfera que se cria tanto nela como no disco, é um derramar de arte com sua poesia, canto e ousadia", explica Caio. A canção mostra um Caio se derramando sobre as pessoas, experimentando ser mais popular, buscando outros ares para as músicas e fazendo com que elas cheguem a novos cantos do Brasil.

O encontro entre Caio e Umberto Tavares se deu depois do feat entre Belo e Caio, numa



Caio Prado: 'Trazer essa produção musical pro meu disco explodiu a bolha que eu caminhava e me trouxe de volta para uma essência perdida lá de Realengo'

produção musical de Umberto. "Trazer essa produção musical pro meu disco explodiu a bolha que eu caminhava e me trouxe de volta para uma essência perdida lá de Realengo, onde sou cria do funk e pagode. É um disco pra ser compreendido por todes, sem

rebuscar conceitos e me dando de peito aberto ao popular", comenta o artista.

"Caio em Ti" tem influência do samba-rock, samba-rap e do pagode moderno. "Tem tudo a ver comigo, que nasci em realengo ouvindo pagode e funk, é uma músi-

ca que traz essa musicalidade bem popular, de roda de samba, roda de pagode. Um clima bem verão, uma canção simples trazendo um tema de amor e romance com ousadia. É a minha cara, pois sou justamente um romântico ousado", explica Caio.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Caldeirão periférico

Lebronx é o projeto que reúne o produtor e multi-instrumentista DJ Black Sheep e os rappers Sennk e Jeza da Pedra. O trio faz sua estreia com o single "Ladrão Fino", numa fusão de sonoridades periféricas, indo do trap ao samba e pagodão baiano, com elementos de música eletrônica, trip-hop e até de rock. A letra, por sua vez, enaltece a cultura de rua por meio de um anti-herói romântico. "O Lebronx é formado por três caras que compartilham o sonho de fazer música que atinja o coração e a mente das pessoas", diz Black Sheep.

Estúdio Mangus/Divulgação

Faab Santos/Divulgação



O lugar da verdade

Às vésperas de completar 38 anos de carreira, a Uns e Outros lança seu novo single, "A Verdade Está Voltando" (Marcelo Hayena/Darlan Castro). É o terceiro trabalho já com a nova formação da banda, com Hayena (Vocais), Gueu Torres (Baixo), Bruno Baiano (Bateria) e Raul Dias (Guitarras e violões). Abrindo com poderoso riff de guitarra e embalada por uma envolvente linha de baixo e bateria, a canção sugere uma reflexão sobre o lugar da verdade. O clipe, dirigido por Rafael Ramos (Okami Produções), está disponível no canal da banda no YouTube.



Otsukas/Divulgação



Sessão ao vivo

Rasura é um projeto em que pianos, pandeiros, drum machines e contrabaixos se entrelaçam, criando paisagens sonoras contemporâneas, urbanas e brasileiras em forma de um indie eletrônico moderno. Persona criativa do produtor, compositor multi-instrumentista André Lucio, Rasura entrega seu cartão de visitas para os ouvintes com uma sessão ao vivo em seu canal de YouTube que une singles lançados e faixas inéditas em uma antecipação do álbum "Falha Luz", previsto para abril deste ano, com produção de Eddu Ferreira e mixagem e masterização de Funai Costa.

Sophie Charlotte **arrebata** a APCA

Atriz é premiada por 'Todas as Flores' e 'Vai na Fé' é escolhida como a melhor novela

Divulgação/TV Globo



Sophie Charlotte interpreta Maíra, uma deficiente visual, em 'Todas as Flores'

A Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) elegeu Sophie Charlotte como melhor atriz de 2023 por sua atuação na série "Todas as Flores" (Globo). A atriz viveu a deficiente visual Maíra, protagonista da trama. Sophie também estará na segunda fase de "Renascer", no papel de Eliana.

O prêmio de melhor novela do ano foi para "Vai na Fé" (Globo), de Rosane Svartman. A trama foi ao ar na faixa das sete e estreou Sheron Menezes no papel principal. O anúncio das premiações da APCA foi feito na noite de segunda-feira (29).

O prêmio de melhor série ficou com o drama "Os Outros" (Globoplay), de Lucas Paraízo. A produção ainda rendeu prêmio de melhor ator para Milhem Cortaz,

que vive um dos protagonistas, Wando, marido de Mila (Maeve Jinkings). Na série, dois casais vizinhos entram em conflito a partir da briga entre seus filhos.

"Vale o Escrito: A Guerra do Jogo do Bicho", outra produção da Globoplay, levou o prêmio de melhor série documental. A produção dividida em sete episódios retrata os bastidores do jogo do bicho no Rio de Janeiro e a ascensão dos principais gângsters do esquema que dominou as escolas de samba.

Alice Carvalho, que estará na segunda fase de "Renascer", foi eleita revelação do ano por "Cangaço Novo". A atriz vive a violenta Dinorá, protagonista da série original da Amazon Prime Video.

O prêmio de melhor programa de variedades ficou com "Avisa Lá que Eu Vou", estrelado por Paulo Vieira e disponível no Globoplay.

Morre **Jandira Martini**, aos 78 anos

Divulgação TV Globo

Atriz fez tratamento contra um câncer por muitos anos

Morreu a atriz Jandira Martini, famosa por atuar em novelas como "O Clone" e "Caminho das Índias", aos 78 anos. A informação foi confirmada pelo ator Marcos Caruso nas redes sociais. A causa da morte não foi confirmada. A artista fez tratamento para um câncer durante anos.

"Minha maior amiga e prova de que os opostos se atraem e se completam. Minha grande confidente, conselheira e responsável pelas minhas maiores gargalhadas. Minha mestra. Sabe quando você passa pela escola na qual estudou e vê que o prédio foi demolido? Assim me sinto com sua partida", escreveu ele

no Instagram.

Os dois eram amigos próximos e já trabalham juntos várias vezes. Eles escreveram, por exemplo, as peças "Sua Excelência, o Candidato", "Jogo de Cintura" e "Porca Miséria". NO SBT, viveram um casal na novela "Éramos Seis".

Jandira Martini nasceu na cidade de Santos, em São Paulo. Começou a estudar teatro enquanto cursava filosofia numa universidade católica de Santos. Posteriormente, já em São Paulo, entrou na Escola de Arte Dramática da USP.

Martini ficou famosa ao fazer novelas da Globo. Ela viveu Zoraide El Adib em "O Clone", um dos folhetins mais famosos da emissora, depois atuou em "América" (2005), e fez a Salomé de "Morde e Assopra" em 2011. Vários atores e atrizes foram às redes sociais lamentar a morte da colega.



Jandira Martini como Zoraide, de 'O Clone', um de seus personagens mais populares

UM BOM JORNAL
TEM QUE SER **DIRETO**.

NÃO SER DE ESQUERDA
E NEM DE DIREITA
MAS, **DIREITO**.

É TER CORAGEM
DE INFORMAR
A VERDADE
E NÃO IMPOR
A SUA **VERDADE**.

É **RESPEITAR**
A INTELIGÊNCIA DO LEITOR
E VONTADE DO ELEITOR .

Correio da Manhã

Há 122 anos Direto e Direito



EM UMA BANCA PERTO DE VOCÊ

correiodamanha.com.br @correiodamanha